

MEGATENDÊNCIAS, MEGACONTRATENDÊNCIAS E GIGAPADRÕES

*Mauro Márcio Oliveira*¹

RESUMO

Para recepcionar o fim do milênio, um ramo da literatura científica tem proposto estabelecer novos parâmetros e nova linguagem como forma de enfrentar os fatos emergentes. Um dos expoentes dessa literatura é Naisbitt com seu conceito de megatendência. Assumindo um grau de rigidez muito grande para o conceito, ele é relativizado com outros dois propostos nesse ensaio: Megacontratendência e Gigapadrão. O primeiro, ao ser trabalhado junto com Megatendência, proporciona melhores condições para refletir o caráter dialético dos fatos sociais. O segundo, por sua vez, diz respeito a aspectos e dimensões que ultrapassam o escopo dos dois tipos de tendência. Ao longo do ensaio, exemplos da área de economia, religião, educação e tecnologia são apresentados para conferir consistência à argumentação.

MEGATRENDS, MEGACOUNTERTRENDS AND GIGAPATTERNS

ABSTRACT

In order to better understand the new realities of the end of the millennium there is a new language to define emerging facts. One of the greatest examples is Naisbitt's work, from which a concept of Megatrends emerged. Assuming that Naisbitt's concept of Megatrends is very absolute, in this present essay it is placed in contrast with two other concepts of same nature: Megacountertrends and Gigapatterns. The former, associated with Megatrends, is to designate, in a better manner, the dialectic characteristic of the social facts. The latter, is to deal with aspects and dimensions of those same facts that exceed the scope of the two types of trends. To illustrate these new concepts, some examples from economy, religion, education and technology are given.

PRELIMINARES

Megatendências (“megatrends”), termo originalmente empregado por Naisbitt (1983), designa comportamentos, estilos e desempenhos que, em futuro próximo ou distante, irão predominar em larga escala e influenciarão, decisivamente, os ambientes naturais e sociais nos quais se concretizem.

¹ Agrônomo, M.Sc. em Economia. SHIN, QL 2, conj. 8, casa 7. CEP 71510-085 Brasília, DF.
E-mail: mauromarcio@www.tba.com.br

Com as megatendências, seus autores e usuários não pretendem descrever os cenários futuros do mundo; indicam, apenas e tão-somente, aspectos emergentes com que as pessoas e as sociedades terão de lidar. Assim como Marx, com suas diversas obras, não pretendeu descrever as sociedades capitalistas de sua época ao formular sua proposição do modo de produção capitalista e sim estabelecer um padrão determinante de sua estrutura e funcionamento. Naisbitt (1983), ao tratar das megatendências, não pretendeu retratar as sociedades futuristas. Buscou identificar tópicos idealmente construídos (a partir da intensa observação da sociedade americana) que, no futuro, estariam interferindo na vida de todos os indivíduos sobre o Planeta. Mais tarde, o mesmo autor retomou a discussão original (Naisbitt, 1994).

Neste contexto, o objetivo deste texto é comentar a construção intelectual do vocábulo e sua significação (portanto, numa postura epistemológica que indaga o que está por detrás desta idéia) assim como as probabilidades dos (re)(des)arranjos provocados por estas mesmas megatendências sob a perspectiva individual e coletiva, na ambiência própria do Brasil e de tantos outros países, inseridos em contextos sociais, econômicos e geopolíticos diferentes dos do Primeiro Mundo, onde nasceu a idéia.

Para tanto, faz-se necessário introduzir os termos ‘megacontratendências’ e ‘gigapadrões’ para comunicar a dupla idéia de que as megatendências não se manifestam, todas, no mesmo sentido nem encontram o ambiente inerte para se manifestarem. Estarão convivendo, em harmonia, com outras megatendências de mesmo sentido e, em antagonismo, com as de sentido contrário, sofrendo reações e conseqüências das transformações que elas próprias determinam. Ademais, ambas estarão se submetendo aos gigapadrões. Assim, é da interação de megatendências² com

² As dez megatendências de Naisbitt (1983) poderiam ser divididas em dois grupos. As ativas-causais: sociedade industrial para sociedade de informação (1); tecnologia forçada para alta tecnologia (2); economia nacional para mundial (3). As reativas-causais: da centralização para a descentralização (5); da ajuda institucional para a auto-ajuda (6); da democracia representativa para a participativa (7). A de número 4 (de curto para longo prazo) e a 10 (do “isto ou aquilo” para a opção múltipla) são meros desdobramentos das ativas-causais (corolários ou conseqüências necessárias). A de número 8 (das hierarquias para a comunicação lateral intensiva) e a de número 9 (do Norte para Sul), desdobramentos das reativas-causais. De outra forma, 1, 2, 3, 4 e 10, objetos entre si; 5, 6, 7, 8 e 9, homens entre eles (cf. Latour, 1994). Ao contrário do que Naisbitt (1983) quer deixar a entender, algumas de suas megatendências (reativas-causais) constituem tentativa de volta da comunidade americana a valores pretéritos e não uma coisa propriamente nova (assim, uma megacontratendência). Poder-se-ia dizer que os homens não estão passando, com as épocas,

megacontratendências no contexto de gigapadrões que o novo virá a se conformar, anulando velhas realidades, refundindo diversidades até então incommunicáveis e, até, restaurando, de forma renovada, padrões considerados ultrapassados.

Como as condições sociais, econômicas e políticas do Brasil não só são diferentes das daquele ‘mundo’ mas também muitas vezes contrárias e conflitantes, o principal desafio é reinterpretá-las desde o ponto de vista local. Em resumo, as megatendências podem ser vistas a partir de uma epistemologia do mesmo plano da que as geraram no Primeiro Mundo e também a partir de posições particularmente aderentes a condições localizadas.

ATAVISMO, RELIGIOSIDADE E TÓPICOS CONTEMPORÂNEOS

Com a perspectiva do distanciamento histórico, pode-se dizer que as megatendências encontraram terreno propício para se propagarem, na medida em que na atualidade estão criadas as condições para facilitar a emergência desta ordem de idéias, por conta da superposição de datas verificável apenas uma vez a cada mil anos. O fim do milênio não é uma só data; é a superposição de três datas: fim de década, fim de século e fim de milênio³. Ocorrência como essa traz para o ser humano uma certa sensação de anseio, de angústia mas também de esperança. Plasticamente, os milênios equivalem a pórticos que se abrem para um novo ambiente que pode proporcionar alegria ou provação. O sentido de aventura (nem sempre uma ventura) deste passo que tudo (e nada) pode predispor cada indivíduo a desvestir-se da roupa habitual e a buscar uma nova para se apresentar de maneira diferente. Ao assim se predispor, o homem envolve-se numa atmosfera lúdica. A consequência natural de toda esta ambiência é uma completa lubrificação de seus equipamentos mentais para interagir com o novo, ainda que amedrontador.

Os autores afiliados à idéia das “megatendências” contam com a predisposição psicológica de serem lidos e de serem tomados como portadores de uma ‘verdade’ secular, mas ainda assim uma ‘verdade’. A sua

para novos estádios de vida entre eles, mas restaurando e restabelecendo, como novos, valores de fundação de suas próprias sociedades. Com isso, entender as raízes profundas da história de cada país pode se tornar importante para conhecer a orientação para o futuro.

³ Há quem afirme que as idéias milenaristas dividem-se em pré e pós e aquelas acompanham os ciclos longos de Kondratiev (Berry, 1994: p.116).

atitude é a de desconhecer ou de se desvencilhar do caráter apocalíptico que acompanha as próprias transformações, já que para o prosseguimento das especulações, a continuidade é fundamental. Já há aí a primeira manipulação ideológica: ao mesmo tempo em que a veiculação da idéia de “megatendência” demanda e se beneficia do condicionamento típico do fim do milênio, despreza e escamoteia sua face oculta, potencialmente apocalíptica e caótica. Ademais, tratar das transformações ocultas no futuro é lidar com o desconhecido e o temeroso, objeto próprio de quase todas as religiões que, em geral, registram este tipo de evento, com a volta do Prometido para afirmação de um tipo especial de justiça, dando coro a quem associa tal acontecimento ao fim de uma época, se não de todas as épocas. Assim, queiram ou não os arautos das megatendências, seu exercício especulativo guarda intensa interação com a longa tradição de o homem perscrutar seu futuro.

Outro ponto que favorece tal clima de reflexão – agora não mais decorrente do atavismo, mas ainda assim carregado de religiosidade – diz respeito ao caráter destruidor do processo civilizatório ocidental que, tendo levado a exploração da natureza ao mais alto grau, colocou as atuais gerações em confronto com a necessidade de mudar os parâmetros (vale dizer, os paradigmas) da relação do homem com a natureza. Nas condições atuais, emerge a idéia, ainda não inteiramente esgotada, de fazer refluir o grau de exploração atingido. Desde o momento em que Adão, expulso do Paraíso, se pôs a buscar na Natureza seu sustento, chegou o momento de decretar o fim do mito da eterna disponibilidade de recursos para a vida humana sobre a Terra⁴. Tal dilema, além dos impactos materiais que certamente proporcionará à sustentabilidade dos diferentes processos civilizatórios, tem uma raiz religiosa⁵, e pode ter sua origem remetida à ascensão dos valores judaico-cristãos sobre os da civilização grega, que gestou uma configuração religiosa na qual os deuses moram na natureza, terminando por criar uma visão de mundo peculiar, segundo a qual a

⁴ “Ao tentar acabar com a exploração do homem pelo homem, o socialismo multiplicou-a indefinidamente.” ... “Ao tentar desviar a exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem, o capitalismo multiplicou indefinidamente as duas” (Latour, 1994: p.13-14).

⁵ Não seria exagerado propor que a tábua dos dez mandamentos aceitasse, agora, o 11º pecado, condenando a agressão à natureza.

convivência do homem com a natureza tornou-se ponto fundamental⁶. Historicamente, a decadência desta perspectiva civilizatória abriu espaço para a entrada em cena de uma nova ordem divina.

Punido com a expulsão do paraíso, o homem, como criatura divina, pôde, em contrapartida, viver fora da natureza, o que lhe transmite direitos sobre o seu domínio, ainda que, no início, apenas para sua sobrevivência e manutenção. O judaísmo eliminou a pluralidade dos deuses pagãos, deixando um Único, Soberano. Ao criar um espaço celeste inatingível para sua morada, retirou-O da Terra. À Terra, manda seu Enviado mas O recobra; não faz dela Sua morada. Nessa arquitetura de idéias, o homem pode almejar a felicidade suprema – que está fora da Terra – e, simultaneamente, explorar a natureza. Com isso, o judaísmo introduziu uma ruptura no Contrato Original entre Homem e Natureza sem que o Sujeito viesse a se sentir culpado. Não fôra isso e o pecado original seria a agressão à natureza.⁷

Já do ponto de vista geopolítico-estratégico, este século vem sepultando, seguidamente, o modelo de poder mundial herdado do século XIX. A Revolução Comunista na Rússia, e não uma ação civilizatória cristã e ocidental, levou a que os ‘bárbaros europeus orientais’ se afirmassem como povo e nação e, com isso, viessem na geração seguinte a erigir uma nova estrutura de poder mundial que foi o equilíbrio da Guerra Fria. Muito recentemente, a decadência do socialismo real e da URSS, em particular, está sendo mostrada, especialmente pela mídia, como a derrocada definitiva de todos os socialismos diante do capitalismo. A recenticidade dos fatos não permite, ainda, fixar um juízo tranquilo sobre o tema. No máximo, pode-se dizer, compulsando diferentes pontos de vista, que o cenário final do quadro global não é, ainda, definitivamente claro. Especula-se, por exemplo, que o capitalismo teria deixado de ser um ‘modo de produção’ para ser uma megaestrutura de transações comuns a qualquer forma de organização

⁶ Com suas variantes, o mesmo ocorre com o paganismo africano. Pelo camdoblé, os deuses moram nas cachoeiras, debaixo da copa das árvores, etc.

⁷ “Para os antigos *theologoi* gregos, cosmogonia e teogonia estavam intimamente relacionados ...” (Hooykaas, 1988: p.7). “Estes filósofos encaravam a própria natureza como uma divindade, um ser eterno em processo de contínua auto-regeneração” (idem: p.18). “Há um contraste radical entre a deificação da natureza, na religião pagã e, de forma generalizada, na filosofia grega, e o desendeusamento da natureza na Bíblia” (ibidem: p.27). “Ao contrário, talvez, do que seria de esperar, uma visão mais acentuadamente bíblica do mundo favoreceu, desde o Século XVI, o desenvolvimento da ciência moderna e da sua correspondente concepção do mundo” (idem: p.32).

econômica. Nesse contexto, a pulverização das polaridades econômicas ao longo do Planeta impõe a discussão sobre o ocaso dos EUA como potência mundial⁸. Por tudo isso, a confluência das inquietações milenares próprias dos fins das Eras com questões contemporâneas emergentes deve ser lembrada na conformação do ambiente em que é tratada a discussão sobre megatendências.

COMENTÁRIOS GLOBAIS SOBRE ALGUMAS MEGATENDÊNCIAS

A partir de umas poucas megatendências, selecionaram-se tópicos específicos para aprofundar as discussões. Na instância dos mercados, tratar de globalização/regionalização; na instância da natureza, da sustentabilidade; na instância das organizações, da informatização e educação; e na instância da política, do fim da história.

Na instância dos mercados, globalização e regionalização são movimentos contraditórios? Há um paradoxo nesta dupla afirmação de tendências? Sem a dialética torna-se difícil entender a globalização como parte de um duplo movimento, de um todo maior. Pela globalização, os países abrem seus mercados aos produtos dos demais países e vice-versa; pela regionalização, procedem de modo contrário. O exemplo familiar é o Mercosul. Formado por quatro países limítrofes, as tarifas definem uma só fronteira entre eles e uma outra com os terceiros países. Na perspectiva global, internamente a homogeneização, a permeabilidade e a indistintabilidade. Na franja, pelo contrário, o conjunto de regras tarifárias cria heterogeneidade, barreira e individualização. Assim, na perspectiva proposta não há como tratar apenas de globalização. O País que o tentar mostrará não ter percebido o caráter dialético do movimento e, mais ainda, sofrerá os rigores das regras mal interpretadas e mal implementadas. Por extensão, o neoliberalismo, espécie de pano geral que fornece meios e instrumentos para a abertura dos mercados, não funciona como 'receita' para todo e qualquer país. Que a economia, como ciência formal, não trate

⁸ A falência americana tem aparecido, nos últimos tempos, sobretudo, em gigantescos déficits comerciais, especialmente com o Japão e com a tendência acentuada do endividamento público, que já atingiu o montante de US\$4,9 trilhões (nem por isso dado como suficiente). Em novembro de 1995, e por dois meses, a disputa entre Republicanos (liderando o Congresso) e Democratas (liderando o Executivo), paralisando o trabalho de 800 mil funcionários públicos, desvelou a ponta de um modelo que, pelas dimensões potenciais, indicaria sinais de crise profunda.

da influência de fatores extra-econômicos sobre a dinâmica dos mercados é até compreensível. Já os governos devem tratar suas economias antes como “economy” do que como “economics”. Para os países pobres, o movimento de capitais simula o vento gélido que vem do pólo: previsível mas não controlável; as moedas fortes que os países pobres absorvem como poupança externa mostram, muitas vezes, uma força cortante, ameaça mortal para aberturas mal conduzidas. Por isso, no plano externo, a regionalização aparece como um antídoto necessário e imprescindível para qualquer movimento de abertura. Já para o plano interno, a redefinição do papel do Estado, e não sua fuga de todas as atividades, é contrapartida indispensável. No inteiro desenhar do movimento contemporâneo dos capitais, globalização e regionalização são como lâminas de uma mesma tesoura.

Na instância da natureza, as ações humanas até então, conquanto sustentassem a vida em sociedade, vieram produzindo extinção de espécies, poluições diversas, desertificações, todas circunscritas. Mais recentemente, depois de tanto se reproduzirem, descobrimos que ações locais geram efeitos globais – como o buraco da camada de ozônio, as chuvas ácidas, a contaminação do ar atmosférico e dos mares. O homem vê, então, que tem a mão suja.

Em resposta a este estado de coisas, as primeiras tentativas conseqüentes da ação política foram as de isolar determinadas áreas para conservação e restauração de pontos isolados. Mas os recursos não serão suficientes na escala necessária para o reestabelecimento das condições originais. Depois de avanços científicos surpreendentes, surge como probabilidade que a mais doce das canções humanas da atualidade – a tecnologia – tenha de ser revista para não ser abandonada. A alternativa prontamente disponível a esta possibilidade, de todos conhecida, é continuar a empregar o arsenal tecnológico conhecido em nome e proveito de um número relativamente menor de pessoas, ainda que do ponto de vista absoluto, crescente. Na esteira destes desdobramentos, caberá aos economistas não o ato da invenção de funções de produção menos abastadas, porque seria muito pedir isso a eles, mas pelo menos dispor de sensibilidade para captar nuances de um novo paradigma que aqui e ali certamente estejam se manifestando nesse sentido e que possam servir à humanidade como totalidade. Em movimento concertado, no plano psicológico, as expectativas, conquanto possam continuar a ajudar a explicar os fenômenos, serão, elas próprias, passíveis de alterações no sentido de redefinir as satisfações humanas com menor quota para o material e maior para o espiritual/emocional/intuitivo.

Na instância das organizações, impôs-se a busca, a todo custo, do aumento da produtividade e melhoria da qualidade de produtos e serviços. Para tanto, recebem destaque investimentos em educação e informatização. Estabelecida essa relação causal entre ‘insumo’ e ‘produto’, pergunta-se: qual a educação para o novo mundo? Qualquer que seja ela terá um veículo obrigatório: o da eletrônica, o da informática, o das redes, o dos computadores. Neste caso, um aspecto particular, a virtualidade, aponta uma nova realidade para este fim de milênio: a “capitulação da base material”, consequência que será avaliada em lugar próprio, mais à frente. Ademais, a relação do homem com a organização muda e mudará brutalmente, na medida em que esta última deixa de ser encarada como reino do trabalho, meio através do qual o homem veio estruturando o processo civilizatório, sua ética e seus valores. A grande organização, concorrente em importância com o próprio Estado, dispersa e globalizada, não pode mais oferecer segurança e referência para o trabalhador nem, muito menos, continuar a permitir que este refaça diuturnamente seus valores a partir da óptica do trabalho. Com isso, a educação, que tem sido o veículo da nova socialização, deixa de contar com um valor social e psicológico assentado em tradição para se impor. Isso muda a essência mesma da educação.

Na instância política, ocupa lugar de destaque a idéia de que a história encontrou seu fim com a “dèbacle” do império soviético. Fukuyama (1992) decretou o fim da história. A polemização não está densa nem ousa apontar alternativas diferenciadas; simplesmente ouvem-se vozes discordantes mas ainda desconexas.

Ao colocar as megatendências em discussão, ressaltam-se seus aspectos metodológicos. Nesse caso, a primeira impressão é a de que os promotores das megatendências parecem prescindir do passado, ao proporem identificação quase total do futuro com o novo e do passado com o velho. Luz e esperança, próprias do futuro, contrastam com escuridão e sofrimento, figuras do passado; progresso e mudança encontram como contrapontos retrocesso e encarquilhamento, do passado. O passado deve ser evitado a qualquer custo:

“Temos de nos desvencilhar deste abraço mortal do passado e lidar com o futuro.” (Naisbitt, 1983: p.13).

A despeito do grau de atualidade que tal perspectiva possa sugerir, o conteúdo das megatendências parece ultrapassar o aspecto formal que lhe

comunicam seus autores, vindo a guardar coerência com antiqüíssimos episódios e crenças, remontando às tradições de Gilgamesh, inscritos no Livro do Gênesis e na mitologia grega, com o mito de Orfeu e Eurídice⁹. Do cotejo da postura dos promotores das megatendências com os autores das lendas e mitos, pode-se concluir que o pretendido corte com o passado não se opera, como seria o desejado para inscrevê-lo como um tópico de modernidade. Revela-se atávico e de fundo religioso, com vinculações ao inconsciente coletivo; daí poder ser considerada antiga e, assim, radical e essencialmente fundada sobre caracteres permanentes do homem.

A segunda observação liga-se à postura de tomar o conhecimento como fator, móvel e fonte de orientação para as ações humanas. A perspectiva de conferir papel central à ciência (dela, à cibernética) no Novo Mundo informa e sugere que, por meio da educação, o conhecimento daí derivado, apresenta grau de suficiência para orientar e instrumentalizar o homem em sua luta para desvendar as sendas do futuro. Ou então, que o homem pode bastar-se com o conhecimento científico para promover e controlar as mudanças que se avizinham. A propósito, alguns comentários.

Mais uma vez, a idéia do ‘novo’ conspira contra o senso comum de que a renovação não se faz num átimo, de uma só vez, nem por inteiro. Por isso mesmo, o conhecimento ‘novo’ está eivado de algum ‘velho’ conhecimento. Não se pode esquecer de que o conhecimento ‘novo’ foi gerado por algum outro conhecimento que, por não poder ser considerado ‘novo’ ainda é ‘velho’. Assim, do ponto de vista da construção do ‘novo’ conhecimento, o futuro não pode prescindir do presente. Somente com o conhecimento do passado e do presente se pode gerar o novo. Nesse sentido, por maior que

⁹ No episódio da destruição de Sodoma, os dois estranhos (anjos, viajantes) abrigados por Lot disseram-lhe que deveria sair da cidade com os seus porque haviam vindo para destruir a cidade. Entre outras observações, instruíram-no a “não olhar para trás” durante a fuga. Ocorre que a mulher de Lot olhou. “Tendo olhado para trás, transformou-se numa coluna de sal” (Santa Bíblia, Ge, 19, 12-26). Já no mito de Orfeu, quando ele consegue convencer Plutão a levar Eurídice das regiões ctônicas, para uma segunda vida, só o consegue com a promessa de não olhar para trás até que saia dos umbrais do inferno. Corroído pela dúvida se, realmente, Eurídice vinha atrás de si durante a volta, Orfeu não resiste e olha para trás. De imediato, Eurídice de desfaz e Orfeu perde de vez a sua amada (Brandão, 1992). Conquanto os episódios possam suscitar divergências de interpretação, não há como deixar de perceber suas similitudes na punição para o gesto de “olhar para trás”. Olhar para trás significa mirar o passado, desejá-lo, aliar-se a ele? Uma desconfiança? Muito recentemente, os modernos, tentando mostrar a orientação de seu movimento, elegeram como tema a expressão “No past”. Os pós-modernos, por sua vez, deprimidos com a perspectiva humana, inverteram os termos e ficaram com a expressão “No future” (Latour, 1994).

seja o rompimento com o passado, o novo carrega o velho em suas entranhas¹⁰. A verdadeira luta no campo das ciências do espírito e na esfera dos valores não está, como parece, entre o novo e o velho; o embate assume a fórmula velho x novo + permanente, na medida em que do velho há de se depurar a velhice para se obter o permanente. O ser humano tem esse lado da permanência que não pode ser abandonado sob pena de desumanizá-lo e provocar reducionismos deformantes.

Em terceiro lugar, deve-se considerar que a ciência não é construída cientificamente, mas por homens imersos num dado meio social e histórico. Nesse sentido, fica difícil querer o ‘novo’ na ciência como algo puramente racionalizado, desgarrado desta rede que envolve a todos, inclusive aos cientistas e pesquisadores¹¹. Quando o indivíduo faz determinada ação, o faz motivado pela razão e por elementos psicológicos. Assim, o prazer, o lúdico, o desafio, o compromisso, guardam um ‘sentido primitivo’ a revestir o móvel da ação humana, inclusive nas ciências.

Em quarto lugar, seja considerada a idéia de que tudo progride. Para os objetos da ciência ‘normal’ (Kuhn, 1978) pode-se perceber, numa perspectiva diacrônica, a idéia evolucionista de os novos ‘paradigmas’ imporem-se aos mais antigos, inapelavelmente. Em se tratando dos objetos das ‘ciências do espírito’, a orientação de tomar o ‘novo’ em completo confronto com o ‘velho’ é, no mínimo, problemática. Aqui, as grandes questões permitem – ou, no mínimo, não impedem – que se volte ao passado, como em busca de renovação. As velhas teses retornam à discussão, as novas éticas consultam as velhas éticas. Os sociólogos de qualquer época consultam Durkheim. Os economistas voltam a Adam Smith. As ciências sociais, suscetíveis de serem afetadas pelas dicotomias sagrado/profano, legítimo/ilegítimo, real/mítico – entre outras categorias típicas das crises de transformação – terminam por não se livrarem do

¹⁰ “O campo das opções tecnológicas num determinado momento estaria condicionado por opções feitas em períodos anteriores” (Furtado, 1995).

¹¹ “O erro dos modernos quanto a si mesmos (foi) acreditarem ‘que a produção da racionalização burocrática supunha burocratas racionais; que a produção de uma ciência universal dependia de sábios universalistas; que a produção de técnicas eficazes acarretava a eficácia dos engenheiros (...)’. A ciência não é produzida cientificamente, assim com a técnica não o é tecnicamente, a organização, organizadamente ou a economia economicamente”. (Latour, 1994: p.113-114). Nessa perspectiva, poder-se-ia dizer, também, que o moderno não é produzido modernamente e o futuro não o é futuristicamente.

desafio de tratar com os conceitos de superação, o que implica, em alguns casos, apelo ao passado (de glória, de paz) como forma de restaurar sonhos caros e crenças estruturantes.

Há ciclos e ciclos de modernidade. No Ocidente, nomeadamente há ciclos determinados pela derrocada do feudalismo, da instauração das revoluções Industrial, Francesa e Russa. Há também as chamadas revoluções silenciosas que alteram o percurso das civilizações. A propósito, há autores e obras que costumam ser tomados como verdadeiros marcos das mudanças de modernidade. Na filosofia, por exemplo, Nietzsche (1983) proclamou o fim de Deus¹². Ao fazê-lo, anunciou um Novo Tempo e um Novo Ciclo para a vida humana, no qual todo o êxito e todo o fracasso humano não só ocorreriam sobre a Terra como passariam a ser atribuídos ao próprio homem que, para tanto, haveria de empregar os recursos do Conhecimento adquirido por meio da Educação. Desta mesma raiz é a idéia da auto-suficiência do homem na busca da verdade, abandonando a rota verdade revelada, esvaída ao longo dos séculos. Por todas as indicações, a auto-suficiência em Nietzsche (1983) não é uma conquista, é mais assunção de um drama; o moderno é dramático e tenso. Reflexões de filósofos e longos e imensos experimentos científicos deixam a impressão de que o Conhecimento (acumulável, científico), em si mesmo, é vago. Se não temperado com outras formas de afirmação humana (sabedoria, valores, etc.) e não confrontado com limites, disponibiliza-se como força bruta. Em sendo assim, deve-se submetê-lo a um julgamento externo, que não lhe é próprio nem intrínseco, que é o da ética. Disto decorre ser particularmente insustentável sua defesa como elemento autônomo nas transformações, mesmo porque sem a sabedoria, individual e coletiva, o produto desse mesmo conhecimento seria massa sem forma e sem “télós”¹³. Assim, o estabelecimento de megatendências isoladamente – sem compartilhar os espaços do porvir com megacontratendências nem submetê-las a gigapadrões – sustentado apenas no conhecimento (fundamentalmente, o científico) traduz uma certa fragilidade, consciente ou inconsciente, que só pode encontrar amparo na caráter lúdico da empreitada e no serviço que presta à permanência dos interesses em vigor.

¹² “Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu e, com Ele, morreram todas as blasfêmias” (Nietzsche, 1983: p.24).

¹³ “Para valorizar a ciência, é preciso ter a satisfação da sabedoria”. (Emerson, poeta americano, no Cadernos Mais! **Folha de São Paulo**, data não coligida, 1995).

MEGATENDÊNCIAS, MEGACONTRATENDÊNCIAS, GIGAPADRÕES

Na literatura de megatendências começam a aparecer algumas contestações ao núcleo das idéias que as contextualizam. A propósito, interessa recordar que Ortega y Gasset (citado por Lash, 1995) mostrou em “A Rebelião das Massas”, nos anos 30 deste século, como o mundo estava sendo transformado a partir das massas frente ao padrão de transformação social até então vigente, a partir das elites aristocráticas. O progresso material no século XX foi comandado pelas massas, por suas lutas ou em seu nome, pelo seu sangue e suor, promovendo-se a partir daí o chamado “welfare state”. Já agora, as massas estão cada vez mais inertes e conservadoras. Nos tempos atuais, acredita-se que a condição revolucionária tenha retornado à elite, representada pela fração pensante da sociedade: cientistas, “policy makers”, analistas, financistas.

Tendo em vista esta “retomada”, é cabível perguntar se há espaço para ações revolucionárias. Em havendo, quais seriam suas possibilidades? A elas corresponderiam padrões ou princípios estruturantes? Seria a nova elite portadora destes mesmos princípios? Ou as novas revoluções não se regeriam por princípios? Fora do alcance desta nova elite, é cabível conceituar e dar corpo a uma revolução absolutamente descentralizada e descoordenada, ‘aberta’ enfim? Esta última possibilidade permite que o espaço de representação das transformações seja suscetível de ser ocupado por sentimentos vagos, porém difundidos, de caráter religioso e étnico. Se a vinculação entre revolução e religião ou revolução e etnia tiver o mínimo de plausibilidade, é lícito chamar a atenção para um dado curioso da natureza humana. O homem parece dispor de um sistema regulador, no campo das ações sociais, que ancora numa assim chamada ‘polaridade das transformações’¹⁴. Quando na rota das transformações sociais ocorre de o mundo concreto forçar uma espécie de homogeneização de hábitos e procedimentos das práticas básicas da economia – produção, circulação, consumo – este movimento, na perspectiva do homem, passa a constituir uma perda em sua riqueza multidimensional. Em resposta a isso, aflora uma contratendência, que é a de buscar, afirmar e ressaltar o heterogêneo em outra dimensão – podendo, em princípio, ser uma dimensão subalterna ou

¹⁴ Esta percepção confere com a de Naisbitt (1983: p.47), quando diz que “quanto mais tecnologia colocarmos em nossa sociedade, mais as pessoas irão querer estar com as pessoas.”

dominada – de forma a refazer sua própria riqueza dimensional ou, de forma alternativa, afirmar sua dessemelhança.

O episódio da globalização serve como um exemplo para ilustrar o ponto de vista em questão. Quando, em decorrência do processo de acumulação capitalista, os mercados são universalizados, o homem perde em heterogeneidade e dessemelhança. A perda da identidade nacional pela via da globalização parece promover a erupção de uma contratendência (cuja motivação emana da condição intrinsecamente dessemelhante dos homens entre eles), qual seja a de sobressair uma dimensão que não se submeta à força homogeneizadora dominante. Na atualidade, vêm sobressaindo a religião e a etnia como elementos fundamentais o reconhecimento do homem como dessemelhante entre seus iguais¹⁵. Daí ser possível postular um equilíbrio dialético entre semelhança e dessemelhança a construir o eixo de sustentação do homem como um desigual, entre seus iguais, em sociedade.

Outra idéia a ser explorada neste contexto é a de que, quando colocadas em confronto, megatendências e megacontratendências possam consolidar, lado a lado e paradoxalmente, ilhas de prosperidades contra ilhas de depressão; ilhas de produtividade e qualidade contra ilhas de regressão e atraso. Isso faz sentido a partir do reconhecimento de que a igualdade social, a equidade, o distributivismo continuam representando metas inatingíveis, vale dizer um contraponto do gigapadrão da desigualdade. Nesse sentido, o futuro revelará, recriando, uma nova modalidade de polaridade entre civilização e barbárie, inclusive propondo um novo ambiente diante do depauperado meio ambiente, para o qual haverá uma nova Constituição que homologará a contingência da prevalência dos fortes e dos aptos e, na margem de sua postura coatora, até da pilhagem. Certamente, a ‘geografia’ desses excessos não será a hoje conhecida. Aqui, mais do que em qualquer outra situação, cabe a perspectiva inglesa de novos rótulos para velhos conteúdos.

A HERANÇA INCÔMODA DO VALOR COMO GIGAPADRÃO

O mundo material gira em torno do valor. Nas obras teóricas de economia dos séculos XVIII e XIX, a sociedade humana girava em torno do valor trabalho. Desde então, a correspondente teoria veio perdendo espaço para a

¹⁵ Outro exemplo cabível é o que contrapõe sociedade e comunidade (Touraine, 1995: p.6-13).

teoria do valor utilidade. Primeiro na academia, depois nos escritórios das empresas. Esta transformação não deixa de ser produto de uma época que elegeu o útil como o verdadeiro. A verdade passou a ser confundida com a utilidade. Ademais, a atribuição de graus de utilidade a bens a partir da esfera psicológica foi útil para elastecer as possibilidades do crescimento da atividade econômica e do processo acumulativo. Mesmo considerando as dificuldades teóricas da teoria do valor trabalho na época atual, seu uso é propício para situar um aspecto interessante das megatendências, dado o grau de concretude que comunica à discussão.

Ao longo do processo de produção de valor, a proporção de trabalho vivo incorporado às mercadorias é decrescente. No limite, especula-se que as máquinas robotizadas poderiam produzir mercadorias sem o concurso do trabalhador, com o que o valor total contido nas mercadorias assim produzidas seria totalmente atribuível ao trabalho morto, ponto em que a riqueza adentraria uma zona de não-crescimento. Concordando que o homem veio acumulando riquezas, social e privadamente, sob a forma de capital constante, a teoria do valor trabalho coloca o dilema de que o futuro estará, cada vez mais, sendo comandado pela parte morta do que pela parte viva do trabalho. Um mundo literalmente abarrotado de mercadorias impõe um peso insustentável para as visões que, ao considerar o caminho para o futuro, dão as costas ao passado. Assim, como o homem se livrará da riqueza, trabalho morto, fruto do passado? Bastaria resolver o problema na instância da representação – cunhando uma nova teoria do valor – ou ter-se-ia de enfrentá-lo no mundo concreto, com a eventual destruição criadora do capital? Derivando, pode-se falar, também, do abarrotamento do mundo com informações. Neste particular, instrumentos da informática – sob a forma de “hardware” e “software” – podem ser virtualmente elementos de acumulação de lixo informacional. E o que fazer dele, com ele?

OBSERVAÇÕES FINAIS

Ao longo da evolução histórica do capitalismo como sistema, transcorreram diferentes etapas do processo da acumulação e, também, diferentes impactos sobre a educação como meio pelo qual o homem se posta para o mundo da produção. No caso presente, releva destacar suas fases, quais sejam, vazão (V), ênfase (F) e estabilização (T), desdobradas em dois diferentes encadeamentos.

Em sua etapa inicial, o capitalismo, sob a Revolução Industrial, desdenhou a qualificação da força de trabalho, tendo em conta o primarismo dos equipamentos e da maquinaria. Com a expansão do sistema, envolvendo o aprimoramento, a complexidade dos processos produtivos e o acúmulo de investimento em máquinas, impôs-se a necessidade de tanto o Estado quanto o empresário oferecerem educação aos trabalhadores, de forma a manter retorno sobre o capital acumulado. Correspondentemente, na educação, passava-se da fase “vazia” para “ênfase” (V-F), que subsistiu até o ponto em que a máquina começou a prescindir, em termos relativos, da qualificação do trabalhador médio, exatamente porque o progresso tecnológico repassava-lhe a própria capacidade de ofício deste mesmo trabalhador. Foram simplificadas suas atividades, dispensados mestres e artífices. A equação “máquina como extensão do trabalhador” inverteu-se para “trabalhador como extensão da máquina”. Desde então, observou-se uma rápida estabilização nos esforços da educação voltada para o trabalhador, o que corresponderia ao ciclo F-T.

No esgotamento do processo de inovação de caráter mecânico, fase em que tem importância mais acentuada a generalização dos processos produtivos e não a alteração intrínseca dos maquinismos, ocorre a transição entre as fases de “estabilização” e de “vazio” educacional (T-V). A representação mais significativa está em “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, quando o processo produtivo clama por um trabalhador alienado e razoavelmente desqualificado. O capitalista emprega seu capital na expansão horizontal dos processos produtivos e não em inovação de maquinaria ou em treinamento. Estaria, assim, cumprido o ciclo completo, ou V-F-T-V. Naisbitt (1983: p. 30-31) dá conta desse processo nos EUA:

“Os empregos em produção e serviço tendiam a ‘perder sua especialização’ com a introdução da tecnologia; ... a maioria dos americanos dirige-se para a ‘ignorância científica e tecnológica virtual’; ... a maioria dos estudantes americanos aprende cada vez menos.”

Na época atual, observa-se a superposição de duas fases do processo acumulativo e, por isso mesmo, a simultaneidade entre dois padrões educacionais, próprios do fim da sociedade industrial e do início da sociedade informatizada. Por conta desta simultaneidade, a percepção dos impactos sobre o sistema educacional aparece confusa e contraditória,

demandando decodificação. Ainda assim, a avaliação da educação para a sociedade informatizada deve tomar, isoladamente, os esforços educativos para os novos conteúdos. O dilema é que a fase de ênfase (F), própria para preparar o trabalhador para o desempenho de um papel renovado frente à nova máquina, também lida com o descolamento deste mesmo trabalhador da máquina, por conta da robotização.

Fora a importância da discussão dos conteúdos educativos vis-à-vis ao processo acumulativo, cumpre chamar a atenção para o impacto que a prática educativa tem sobre o mercado de trabalho. Ao reter o indivíduo nas escolas, retardando seu ingresso nesse mercado, evita a manifestação da crise do desemprego em toda sua plenitude. Ao lado disso, a recenticidade da temática proposta à educação no contexto da sociedade informatizada, por lidar com o novo e desconhecido, tende a fazer com que, durante o processo de aprendizado, o aprendiz acabe assumindo alto grau de responsabilidade pelo seu êxito na sociedade, exatamente porque as dificuldades da inovação ainda não estão integralmente interiorizadas nos diferentes processos de produção de valor com o que ao indivíduo cabem os maiores riscos pela construção de sua trajetória profissional. Assim, não é de surpreender que convivam, lado a lado, a ênfase sobre a educação com o crescente desemprego estrutural, com o que se vê chegar ao resultado paradoxal de trabalhadores mais capacitados porém desempregados.

O segundo ponto para reflexão refere-se a padrões educacionais e lideranças entre as diferentes expressões do capital. No início do capitalismo, a liderança pelo estilo de acumulação era dado pelo capital comercial. A ele se submetiam o capital produtivo e o bancário. O capital comercial financiava as grandes expedições e as aventuras do enriquecimento rápido. Os grandes comerciantes operavam a acumulação primitiva e a pilhagem, para o que não se podia dispensar uma ordem armada e um poder beligerante. Faltava-lhe conformidade para atuar nos moldes de um crescimento sustentado.

Intrinsecamente, a era do capitalismo industrial foi muito mais estável. Nesta quadra da história humana, o trabalho esteve no centro da criação do valor. A Economia nasceu como uma ciência para estudar a capacidade do trabalho em produzir riquezas. O capital lançou mão da acumulação primitiva como um recurso de alavancagem, mas não como elemento intrínseco de sua natureza.

Mais recentemente, o capital financeiro começou a comandar o processo da acumulação. Tomando dimensão compatível com o processo de

acumulação, passa a submeter tanto o comercial quando o industrial à sua própria lógica. Não demanda massa de trabalho apreciável; é instável, volátil, especulativo; orienta-se pela expectativa. Induz o ambiente sócio-econômico produtivo a se conformar para proporcionar-lhe condições de fluidez e mobilidade, com os correspondentes custos assumidos socialmente.

Diante deste quadro de transformações que afetam o trabalho, como colocar a educação? Voltada para o trabalho, como até então, ou para a negação do fazer? Como elaborar pedagogicamente a instabilidade, a mutabilidade próprias da economia globalizada? Numa sociedade que se diz mais livre, como a educação transformará o potencial em real?

REFERÊNCIAS

- BERRY, Brian J. L. As 2000 approaches: millennial conjunctures and apocalyptic prophecy. **Technological Forecasting and Social Change**, v.47, p.115-123, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA. 47.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. 1357p.
- BRANDÃO, Joanito. **Mitologia grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. v.3.
- EMERSON, Ralph W. Caderno Mais!, **Folha de São Paulo**, data não coligida de 1995.
- FUKYAMA, F. **The end of history and the last man**. London: Hamish Hamilton, 1992. 230p.
- FURTADO, André. Opções tecnológicas e desenvolvimento do Terceiro Mundo. In: CAVALCANTI, Clóvis. (Org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1995. p.256-275.
- HOOYKAAS, R. **A religião e o desenvolvimento da ciência moderna**. Brasília: UnB, 1988. 196p.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975, 257p.
- LASH, Christopher. A rebelião das elites. Caderno Mais! **Folha de São Paulo**, 8-1-1995, p.6-4/6-7.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- NAISBITT, John. **Global paradox**. New York: William Morrow, 1994. 304p.
- NAISBITT, John. **Megatrends; megatendências**. São Paulo: Livros Abril/Círculo do Livro, 1983. 251p.
- NIETZSCHE, F.-W. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983. 280p. (Coleção Universidade de Bolso).

M.M. Oliveira

TOURAINÉ, Alain. A revolta das comunidades. Caderno Mais! **Folha de São Paulo**, 12-11-95, p.5-13.

UNAMUNO, Miguel. Caderno Mais! **Folha de São Paulo**, data não coligida de 1995.